

■ Cartas na mesa

FÓRUM DE DAVOS

Uma reunião atípica de executivos, políticos e artistas

O Fórum de Davos reúne todos os anos nas montanhas suíças uma importante combinação dos mais importantes donos do mundo. São os representantes do poder político, económico e cultural do planeta, oficialmente interessados e apostados em debater os problemas da humanidade e, certamente, interessados em saber como continuar a conduzi-lo e a dominá-lo. Apontados como promotores de uma visão exclusivamente capitalista e liberal, ou neoliberal, do mundo, a reunião organizada desde 1971 pelo Fórum Económico Mundial (WEF, siglas em inglês) é o encontro anual dos mais ricos, poderosos e famosos do planeta.

Para participar, não se pode ser pobre: as mil maiores empresas do mundo pagam por ano 42.500 francos suíços (26.300 euros) para serem membros do WEF, e cada membro individual paga 18.000 francos suíços (11.000 euros) para ir a Davos.

Uma centena de multinacionais desembolsam, além disso, 500.000 francos suíços por ano (310.000 euros) para serem "sócios estratégicos" do WEF.

No seu discurso retórico, o WEF diz que o seu objectivo é nada menos nada mais do que "melhorar o mundo" e, durante a sua reunião anual, nesta estância de esquí, sucedem-se os anúncios sobre doações para obras de caridade.

De facto a melhoria do mundo, para estes homens poderosos, não passa por considerarem uma alteração da organização económica, social e política, que promova a possibilidade de cada ser humano ser dono de si próprio, mas passa, quando muito, pela possibilidade de distribuírem algumas das migalhas que sujam a toalha da sua mesa farta.

Durante o Fórum, a localidade é invadida por mais de 2.500 participantes, 10.000 jornalistas e serventuários do WEF, e todos são submetidos a um severo dispositivo de segurança.

Mais de 200 debates durante os cinco dias da reunião celebram a análise de coisas tão diversificadas que vão da situação do Paquistão à luta contra o cancro.

Na verdade, enquanto tais debates decorrem e alguns se entretêm com o debate sobre a política internacional, nos corredores, nas salões e nos maples proporcionados pelo Fórum, a ocasião é ótima para muitos presidentes de empresas se reunirem de maneira informal e combinarem os negócios que verdadeiramente interessam.

O evento foi criado por um professor de Economia, Klaus Schwab, e é organizado por um grupo totalmente privado e que cada vez mais se parece com o organismo internacional que verdadeiramente governa o mundo.

Davos permitiu criar, nalguns anos, alguma ficção, tendo as ficções mais conhecidas sido, talvez, a assinatura de uma declaração greco-turca em 1988, uma reunião entre F.W. de Klerk e Nelson Mandela em 1992 e um acordo de paz israelo-palestiniano assinado por Simon Peres e Yasser Arafat sobre Gaza em 1994. Mas nada disto passou, de facto, de ficção política.

Como se calcula a reunião anual do WEF é excelente servida e requintada oferecendo sendo abundante e farta em coquetéis, recepções e nas mais variadas diversões. Tudo coisas que, muito provavelmente, ajudam a acertar as contas do mundo.

Paulo Serralheiro

O impacto nulo em Portugal dos resultados do estudo internacional PISA

Foram anunciados recentemente os primeiros resultados do estudo internacional PISA de 2006. O estudo PISA é um programa internacional de avaliação das competências (em leitura, matemática e em ciências) dos alunos de 15 anos dos países da OCDE (a que se associaram mais cerca de duas dezenas de países). Este programa pretende determinar em que medida os alunos possuem a capacidade de "aplicarem os seus conhecimentos e analisarem, raciocinarem e comunicarem com eficiência, à medida que colocam, resolvem e interpretam problemas numa variedade de situações concretas". Os resultados de Portugal foram medíocres e este facto serviu para a habitual troca de mimos entre o Governo e a Oposição e para meia dúzia de analistas incluírem a palavra PISA nos seus comentários, aparecendo frequentes distorções pois o conteúdo concreto do estudo é ignorado.

Eis, a título de exemplo, um facto básico que se retira do relatório português do último estudo e passou despercebido. Apesar de o resultado global de Portugal se ter mantido o mesmo (aqui vou só referir a parte relativa à Matemática), o número de alunos com 15 anos no 10º ano de escolaridade diminuiu, ou seja, aumentou o número de reprovações de alunos com 15 anos: há mais alunos de 15 anos no 7º, no 8º e no 9º anos de escolaridade do que em 2003. Os resultados de cada um destes grupos de alunos melhoraram, mas o aumento de reprovações impediu que o resultado de Portugal fosse melhor. Isto significa que, ao contrário do que é voz corrente, nós não precisamos de reprovar mais alunos em Portugal, precisamos sim de apoiar mais os alunos que reprovam (em muitos países não há sequer reprovações no Ensino Básico, mas há muitos apoios aos alunos com dificuldades).

Um analista político criticava a actual Ministra da Educação por os resultados do PISA não terem melhorado entre 2003 e 2006. Ora isto não tem sentido pois muito pouco do que a actual Ministra da Educação possa ter feito de bem ou mal se pode ter reflectido nesses resultados. Com efeito, a recolha de dados do mais recente estudo PISA decorreu na primeira metade do ano de 2006, ou seja, no lectivo de 2005/2006. A maior parcela de alunos portugueses analisados pelo PISA estava então no 10º ano de escolaridade. Estes alunos, ao longo da sua escolaridade, estiveram sob influência das decisões dos seguintes Primeiros Ministros e Ministros da Educação (influência directa, porque decisões de anos anteriores também tiveram impacto no sistema):



Pré-escolar (3 anos)	1993/1994	Cavaco Silva – Manuela Ferreira Leite
Pré-escolar (4 anos)	1994/1995	Cavaco Silva – Manuela Ferreira Leite
Pré-escolar (5 anos)	1995/1996	António Guterres – Marçal Grilo
1º ano	1996/1997	António Guterres – Marçal Grilo
2º ano	1997/1998	António Guterres – Marçal Grilo
3º ano	1998/1999	António Guterres – Marçal Grilo
4º ano	1999/2000	António Guterres – Guilherme D' Oliveira Martins
5º ano	2000/2001	António Guterres – Augusto Santos Silva
6º ano	2001/2002	António Guterres – Júlio Pedrosa
7º ano	2002/2003	Durão Barroso – David Justino
8º ano	2003/2004	Durão Barroso – David Justino
9º ano	2004/2005	Santana Lopes – Maria do Carmo Seabra
10º ano	2005/2006	José Sócrates – Maria de Lurdes Rodrigues

O trabalho da actual Ministra só poderá ter algum peso nos resultados do estudo PISA de 2009 que serão publicados em 2010 quando, provavelmente, já não for Ministra. A influência que cada aluno recebe na sua escolaridade é de tal modo espalhada no tempo (e tanto a aprendizagem da Matemática como da Leitura e das Ciências dependem de todo o percurso escolar do aluno e não apenas do que se passou num ou noutro ano isolado) que todos nos deveríamos preocupar mais com a coerência do sistema educativo em termos globais, não tentando discutir pequenos segmentos isolados. Infelizmente em Portugal sabemos o que se passa do nosso lado da rua mas nem sequer sabemos o que se passa do outro lado da nossa própria rua quanto mais do outro lado da cidade.

Jaime Carvalho e Silva
Departamento de Matemática
Universidade de Coimbra